A TRÍADE MIDIATIZAÇÃO, HISTÓRIA E POLÍTICA NO PROCESSO DE *IMPEACHMENT* DA PRESIDENTA DILMA ROUSSEFF

THE TRIAD MEDIATIZATION, HISTORY AND POLITICS IN THE PROCESS OF IMPEACHMENT OF THE PRESIDENT DILMA ROUSSEFF

Laura Guerra[1]

Resumo: Este artigo retoma as etapas do raciocínio científico que resultaram na escolha dos objetos empíricos e articula teoricamente a relação entre midiatização, história e política. O presente trabalho faz parte da dissertação que investiga a construção editorial dos jornais brasileiros *Folha de S. Paulo* e *O Globo* sobre dois acontecimentos políticos – a ditadura civil-militar brasileira (1964-1985) e o *impeachment* da presidenta Dilma Rousseff (2016). Na primeira parte, descrevemos os objetos observados à primeira vista e, após, de que forma

1. Mestranda na linha de pesquisa Midiatização e Processos Sociais de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação da Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS) e graduanda em História na Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Bacharel em Comunicação Social com habilitação em Jornalismo pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. E-mail: laurafguerra@gmail.com.

nos aproximamos sob a perspectiva científica, resultando na problemática de pesquisa sobre o processo de atualização de lógicas discursivas de 1964 e 2016. Por fim, apresentamos a pesquisa da pesquisa com apontamentos teóricos que contribuem para entendermos em qual âmbito da Comunicação se insere o nosso estudo.

Palavras-chave: Produção editorial. Midiatização. História.

Abstract: This article resumes the steps of scientific reasoning that resulted in the choice of empirical objects and articulates the relationship between mediatization, history and politics. The present paper is part of the dissertation that investigates the editorial construction from Brazilian newspapers *Folha de S. Paulo* and *O Globo* on two political events - the Brazilian civil-military dictatorship (1964-1985) and the impeachment of President Dilma Rousseff (2016). In the first part, we describe the observed objects at first sight and afterwards in what way we approach them from the scientific perspective, resulting in the research problematic about the process of updating discursive logics of 1964 and 2016. Finally, we present the research of the research with theoretical notes that contribute to understand in which scope of the Communication our study is inserted.

Keywords: Editorial production. Mediatization. History.

1 Introdução

Este artigo é dividido em duas partes: a primeira delas é dedicada a explicitar qual e como elegemos o estudo de caso a ser aprofundado na dissertação pela presente pesquisadora. Materializamos os indícios, inferências e analogias, oriundo de pesquisa documental em acervos dos jornais *Folha de S. Paulo* e *O Globo*. Sistematizamos o conjunto de pré-observáveis, que foram fundamentais para elaborar a problemática que questiona de que maneira os editoriais, como dispositivos de enunciação, atualizam lógicas de 1964 em 2016. Assim, os autores Régine Robin (1973), Gastón

Bachelard (2001), José Luiz Braga (2008) e Jorge Ferigolo (2012) são utilizados como referências.

A segunda parte é uma reflexão teórica, que abrange a pesquisa da pesquisa segundo Jiani Bonin (2011), na qual organizamos – através do nosso recorte – algumas contribuições de autores e autoras que nos auxiliam na proposição. Desta foram, Jacques Le Goff (1988), Maurice Mouillaud (1997), Pedro Gilberto Gomes (1997, 2015), Eliseo Verón (1997, 2004), Armand e Michèle Mattelart (1999), Antônio Fausto Neto (1994, 2005), Jairo Ferreira (2007), Ana Paula da Rosa (2012) e José Luiz Braga (2012).

2 O caso

Podemos afirmar que os indícios, as inferências (Braga, 2008) e as analogias (Ferigolo, 2012) elegeram a nossa perspectiva do estudo de caso. Tratamos de dois acontecimentos enunciados em editoriais brasileiros dos jornais *Folha de S. Paulo* e *O Globo*, entretanto, o nosso ponto de partida foi outro. Entendemos a noção de indícios como pistas a serem coletadas e valorizadas, mas que não necessariamente sinalizam a totalidade do fenômeno a ser estudado (Bachelard, 2001; Braga, 2008). Desta forma, não tomamos nossos indícios como conclusivos e determinantes para a escolha do ângulo de pesquisa.

Se formos pensar por ordem cronológica, o primeiro acontecimento é a deposição do presidente João Goulart (1964-1985) e, o segundo, o *impeachment* da presidenta Dilma Rousseff (2016). Em nossa pesquisa não seguimos a ordem cronológica, pois nossas pistas iniciais se configuram na produção jornalística de 2016 – durante o processo de *impeachment* – na qual percebemos a recordação do golpe civil-militar de 1964, percebendo que o segundo (2016) aciona o primeiro (1964). De fato, a ditadura – cada vez que completa mais um ano desde o seu final – se torna produto jornalístico, sendo o tema principal de reportagens especiais, documentários, entrevistas, etc. Durante o caso de *impeachment* de Dilma, por outro lado, a temática da ditadura militar

brasileira aparece nos discursos atrelados ao midiático como uma associação ou não referente à conjuntura política de 2016. Desta forma, nossos indícios apontam que, através da produção discursiva dos meios, instituições e atores sociais (Verón, 1997), o período ditatorial sobressai sua temporalidade original. Organizamos um mosaico para materializar os primeiros indícios:



Figura 1: Indícios
Fonte: Zero Hora Online[2]; BBC Brasil/Uol Notícias[3]; Jornal GGN[4]; Zero Hora Online[5] O Globo Online[6]

Com as primeiras inferências, percebemos um cenário discursivo não homogêneo, principalmente no que diz respeito à palavra *golpe*. Em 2016, o termo ganha notoriedade pelas diversas articulações em que foi posto em operação. A hipótese para isto acontecer é que – em um período curto de tempo, mais precisamente 52 anos – a ditadura militar se tornou a principal referência de golpe político do país. Ou seja, o campo semântico da palavra *golpe* em 2016 – por prece-

2. goo.gl/dbS6lz
3. goo.gl/OdO3yf
4. goo.gl/VNkIE9
5. goo.gl/zf1BNK
6. goo.gl/bM87pE

der 1964 – compreende acionamentos por parte dos meios, instituições midiatizadas e atores sociais (Verón, 1997) ainda não esclarecidos, mas que remetem ao passado, negando ou afirmando que a mesma construção ideológica está acontecendo. Entre as percepções, selecionamos acionamentos:

1º acionamento: Dilma compara crise à ditadura em pronunciamento oficial: "Lutarei para não ser vítima **de novo**" (grifo nosso, Zero Hora Online, 22/03/2016).

2º acionamento-resposta: *O Globo* nega relação entre golpe de 1964 e 2016:

> Na estratégia de defesa e nas ações de agitação e propaganda de um PT e de uma presidente acuada no Planalto, a palavra **"golpe"** ganha grande relevância. "Golpe" é curto, fácil de pronunciar e adequado para ser gritado em manifestações — mas nada tem a ver com a crise política por que passa o país, na qual estão atolados PT e Dilma, e muito menos com o processo de impeachment da presidente em tramitação na Câmara. **PT e aliados marcaram para amanhã, 31 de março, manifestações em defesa do governo e, por** óbvio, **farão referência ao golpe dado pelos militares, apoiados pelas classes médias e alta, há 52 anos**_(grifo nosso, O Globo, 30/03/2016).

3º acionamento-resposta: *O Globo* nega relação entre golpe de 1964 e 2016, mas faz referência ao impeachment de Collor: "**Assim como não houve golpe contra Collor, não há também contra Dilma**, seja a admissibilidade do pedido de julgamento do seu impeachment aprovado hoje ou não. Não importa o resultado da votação, a democracia representativa brasileira sairá mais forte" (grifo nosso, O Globo, 17/04/2016).

Folha de S. Paulo classifica como uma ideia "fantasiosa" e "uma ladainha", utilizada para engajar a militância:

> **Dois dias depois, em entrevista a veículos estrangeiros, repetiu a ladainha**."Não estou comparando com os golpes militares do passa-

> do, mas isso [impeachment] seria uma ruptura da ordem democrática", afirmou a presidente, segundo o jornal britânico "The Guardian" (grifo nosso, Folha de S. Paulo, 27/03/2016).

Consideramos este estágio da pesquisa como um pré-observável essencial para a elaboração de inferências: "Em que momento se desencadeia o uso da palavra golpe?"; "De que forma de acontece o fluxo da palavra?". Usamos o modelo apresentado por Régine Robin (1973) em uma ação tentativa de destrinchar os acionamentos da palavra no contexto midiático.

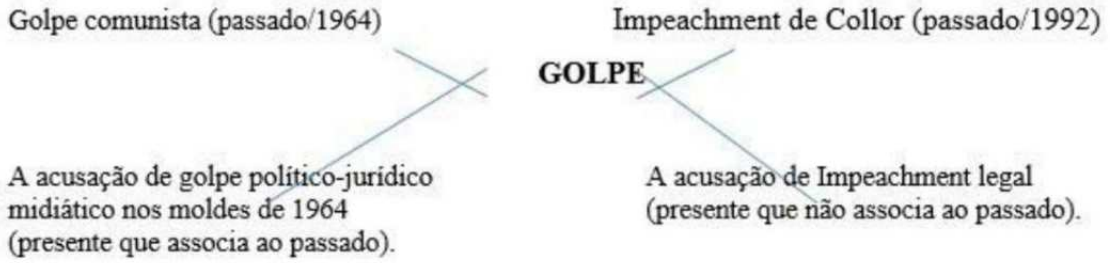

Figura 2: Associações
Fonte: Robin, 1973

Primeiro, *O Globo* afirma em dois títulos de editoriais a *Farsa do 'golpe' construída pelo lulopetismo* (O Globo, 30/03/2016) e *Não vai ter mesmo golpe*. No primeiro editorial citado, *O Globo* responde aos argumentos da presidenta Dilma, que faz referência à ditadura. No outro editorial, *O Globo* realiza outro acionamento, colocando *o impeachment* de Collor em circulação. O discurso, portanto, não retoma a lógica sugerida pelo governo e seus apoiadores nas duas edições, e sim, coloca em jogo outro momento político.

Percebendo esta operação feita no campo jornalístico, questionamos se a mesma dualidade aconteceu em 1964, frente à deposição de João Goulart. Assim, através de pesquisa documental em acervos digitais, identificamos uma operação semelhante em 1964, em relação aos termos golpe de direita e revolução. Exemplificamos abaixo:

> Há muitas maneiras de se denegrir a revolução que resultou do movimento de 31 de março, e uma delas é a de dizer que não foi

> uma revolução e, sim, um golpe de direita, de inspiração e objetivo reacionários. A afirmação lançada pela máquina de propaganda comunista correu o mundo com a velocidade de um "slogan" publicitário e deitou alguma raiz entre nós também. (grifo nosso, O Globo, 22/04/1964).

3 Apontamentos teóricos

Demarcando cronologicamente, o nosso trabalho abrange temporalidade de 52 anos em que dois acontecimentos políticos se destacam na conjuntura nacional: a ditadura civil-militar (1964-1985); e, o mais recente deles, o *impeachment* de Dilma Rousseff (2016). É válido mencionar que não desmerecemos outros importantes eventos ocorridos durante este espaço temporal, mas enfatizamos que o nosso ângulo de pesquisa prioriza a deposição de João Goulart e o impedimento do Governo Dilma enunciados nos editoriais dos jornais *Folha de S. Paulo* e *O Globo* como material de análise. Mesmo sendo frutos do campo político, os fenômenos em questão instigam diferentes abordagens na perspectiva da Comunicação, como área de conhecimento científico.

A pesquisa da pesquisa consiste em uma importante estratégia de mapeamento de artigos, dissertações e teses auxiliares para o andamento da futura dissertação. A busca inicial se centrou na plataforma *google* acadêmico, a partir das escolhas de palavras-chave que melhor expressam o tema geral do trabalho, a fim de ter um panorama geral do que já foi produzido sobre o mesmo segmento. Utilizamos também os repositórios acadêmicos das universidades regionais e nacionais (USP, PUCRS, UNISINOS, UFRGS, UFRJ) e bases de dados de eventos, como a Compós, o Intercom e o Ciseco. Inicialmente, pensamos em utilizar a palavra *midiatização* de forma isolada, entretanto, com a procura sistemática e o andamento da pesquisa da pesquisa, notamos grande quantidade de produções científicas sobre midiatização

e diferentes temas de interface. Portanto, nosso movimento inicial sinalizou a necessidade de maior especificidade dos termos a serem utilizadas na busca por trabalhos que nos auxiliem na construção teórico-metodológica desejada. Este foi um dos principais aspectos da pesquisa da pesquisa, ou seja, assim que a busca se sistematizava, era possível entender quais palavras-chaves atenderiam melhor as necessidades deste trabalho, como explicaremos detalhadamente a seguir. "A pesquisa da pesquisa torna-se, por conseguinte, uma prática relevante para tomar contato com essa produção, a fim de que as novas investigações contemplem e considerem esses desenvolvimentos e aquisições e busquem efetivamente avançar com e a partir deles" (Bonin, 2011, p.34).

3.1 Jornalismo e História

Como resultado da primeira aproximação, definimos as seguintes palavras-chave, divididas em blocos. O primeiro deles: (1) *Jornalismo e História* se preocupa em resgatar referências sobre o estudo de interface entre as duas áreas. Dentro deste âmbito, existe literatura de autores clássicos, como na obra *A história nova*, organizada por Jacques Le Goff (1988), o pesquisador Jean Lacouture afirma que "a história e o jornalismo coincidem sem se confundirem" (1988, p.218). A constatação do autor só foi possível pelo que Le Goff (1988) chama de profunda renovação do domínio científico, na qual se insere a História Imediata. Este campo científico enfrentou o *status* erudito da História Antiga, da Idade Média e da História Moderna, recebendo espaço e legitimidade acadêmica, em grande parte, devido à refutação da corrente positivista do século XIX. A História Imediata valoriza a perspectiva de quem vivencia determinado momento inacabado como uma espécie de testemunha. É o caso da obra *História da revolução russa*, de Leon Trótski, sendo Trótski o autor e, ao mesmo tempo, o protagonista dos eventos narrados (Lacouture in Le Goff, 1988).

Percebemos que, no caso do uso combinado das palavras-chaves *Comunicação* e *História*, a maioria dos resultados apresentava estudos históricos sobre a comunicação,

e não, na perspectiva que buscávamos, ou seja, como uma pesquisa de interface entre as duas áreas. Desta forma, optamos por alterar a combinação citada pela palavra-chave *história midiatizada*. Assim, de forma mais específica, alcançamos resultados interessantes. Um dos fatores que nos chama atenção é o fato de que a mídia é um tema presente em trabalhos elaborados pelas Ciências Humanas, mais especificamente, a História, como área de conhecimento. Porém, a História – com o viés que pretendemos pesquisar – é menos recorrente na Comunicação. Entre os trabalhos analisados, observamos um que se propõe a investigar o estudo entre ambas e, ainda, utiliza os termos que compõe a nossa perspectiva. O artigo *A história midiatizada: os desafios colocados por um novo idioma histórico entre a mídia, a memória e a história* (Meneses, 2010) foi – até o momento – o único dos quais encontramos que utiliza o termo *história midiatizada*, de forma específica.

3.2 Editorias sob o ângulo da produção

O segundo bloco diz respeito ao objeto empírico de forma mais específica, por isto, buscamos por (2) *produção de discurso*; (3) *editoriais jornalísticos* e (4) *enunciação jornalística*. São temas já clássicos com estudos consolidados na área de Comunicação através de publicações de diversos autores brasileiros e estrangeiros. Desta forma, levando em consideração o amplo espectro, optamos por valorizar as contribuições dos autores Antônio Fausto Neto (1994), Maurice Mouillaud (1997) e Eliseo Verón (2004) por entender que estas se relacionam mais diretamente com a nossa proposição.

Fausto Neto (1994), no estudo *Vozes do Impeachment* (in Matos, 1994), debate a questão do campo editorial e seu papel na construção do *impeachment* do presidente Fernando Collor (1992). Tendo em vista o objeto do pesquisador, este trabalho é essencial para embasarmos os acontecimentos inscritos em editoriais contendo lógicas e estratégias discursivas próprias. O autor parte da ideia de editoriais como produtores e propositores de sentido, que “ao mesmo tempo em que são anunciantes dos reclames da edição, apresentam-se

como aquelas que dão o tom avaliativo de como o mundo vai ser ali indicado e, ao mesmo tempo, construído" (Fausto Neto in Matos, 1994, p.163). O autor também apresenta o editorial como um espaço conflituoso no qual emerge o que ele chama de debate entre vozes. No nosso caso, observamos – como exemplificado nos indícios do capítulo anterior – esta noção de tensão entre a opinião do jornal, através do campo editorial, e o governo como instituição midiatizada.

Seguimos o raciocínio com base na obra *Fragmentos de um tecido*, de Eliseo Verón (2004), pois o autor apresenta reflexões teórico-metodológicas de análise de discurso que consideramos importante, situando – de forma diferenciada – a problemática da produção e a problemática do reconhecimento. Em nosso texto, priorizamos a análise de discurso sob o espectro da produção e buscamos uma lógica operacional dos fenômenos, conforme sugere Verón (2004):

> A análise dos discursos situa-se nos desvios interdiscursivos. Em relação a conjuntos textuais, ela tem por objetivo reconhecer economias discursivas: a especificidade de uma economia discursiva não pode ser expressa senão como diferença de funcionamento em relação a outras economias. A análise de discurso é, portanto, sempre e necessariamente intertextual. (...) Se a análise dos discursos é comparativa, se trabalha relacionando superfícies discursivas umas com as outras, é porque é impossível saber, considerando isoladamente uma 'unidade' discursiva qualquer, quais são os traços cuja detecção é pertinente para chegar à descrição operacional de uma certa economia discursiva (Verón, 2004, p.159 e 162).

Ainda em relação ao que consideramos pertinente frente à temática da análise, destacamos a obra *O jornal da forma ao sentido* (1997), que publicou diversos artigos divididos em duas partes: Formas e Estratégias. Por hora, pontuamos o nosso interesse na primeira parte – Formas – a partir da abordagem de Maurice Mouillaud. O jornal impresso, para

Mouillaud (1997), é um dispositivo e, sendo visto assim, "não é um suporte, mas uma 'matriz' que impõe formas aos textos" (1997, p.35). Assim como é entendido pela ideia de dispositivos que se engendram em outros: "O jornal se inscreve no dispositivo geral da informação e contém, ele próprio, dispositivos que lhe são subordinados (o sistema de títulos, por exemplo)" (1997, p.35). Entre as proposições de Mouillaud (1997) sobre o sistema de títulos se destaca em nossa pesquisa o que ele considera como títulos anafóricos, ou seja, são aqueles que oferecem uma dimensão histórica atemporal do acontecimento traduzido no título devido ao uso de artigos definidos (o; a; os; as).

Esta noção é pertinente à luz de nossos objetos e dos títulos que selecionamos ao longo do estudo. "Aquilo que os títulos anafóricos produzem é uma mobilização: instituem o horizonte da leitura, um horizonte que é preenchido, posteriormente, pelo enunciado propriamente informacional (que exprime uma ocorrência, que aparece neste horizonte" (Mouillaud, 1997, p.110). Exemplificamos o que podemos considerar como títulos anafóricos a partir do nosso recorte: "A decisão da pátria (O Globo, 02/04/1964); "Marinha: o bom caminho" (Folha de S. Paulo, 31/03/1964); "Ressurge a democracia!" (O Globo, 02/04/1964); "O legado de Dilma" (Folha de S. Paulo, 12/03/2016); "A hora de Temer" (O Globo, 23/06/2016). Consideramos a importância de ultrapassar o estudo direcionado ao conteúdo propriamente dito e, através das formulações de Mouillaud (1997), compreendemos que os editoriais não estão à parte do dispositivo jornal, e sim, devem ser analisados de modo intrínseco.

3.3 Midiatização: contribuições latino-americanas

Por fim, sintetizamos alguns pontos referentes ao debate sobre midiatização a partir de uma reflexão teórica sobre a transição da sociedade dos meios para a sociedade em vias de midiatização que, como o nome sugere, está em processo e não deve ser entendida como um fenômeno completamente desenvolvido e estanque. Pelo contrário, é uma sociedade marcada por lógicas desafiadoras de percepção

dos âmbitos da produção, recepção e circulação, caracterizada pela complexificação dos processos. Retomaremos a ideia ao longo do texto, porém consideramos igualmente importante traçar algumas considerações iniciais acerca do estudo da Comunicação como ciência, ou seja, como observamos o comunicacional e seu campo de pesquisa acadêmica. Utilizamos as referências dos pesquisadores da América Latina, tais como Eliseo Verón (1997), Pedro Gilberto Gomes (1997), Antônio Fausto Neto (2005), Jairo Ferreira (2007), Ana Paula da Rosa (2012) e José Luiz Braga (2012).

Pedro Gilberto Gomes, em *Tópicos de Teoria da Comunicação* (1997, p.12), afirma que o "ser humano *está*, é em Comunicação". O autor dialoga com a ideia da comunicação como elemento indissociável da vida humana em sociedade. De fato, antes do estudo e do desenvolvimento acadêmico da área, existem as dinâmicas de convivência social que funcionam por meio das necessidades do homem de se comunicar, desde a pré-história até a idade contemporânea. Este cenário seria denominado por Gomes (1997) como a comunicação do fato e da necessidade social. Porém, na presente reflexão, priorizaremos aquela que o autor classifica como uma "atividade característica daqueles que se preocupam com a transmissão do conhecimento" (Gomes, 1997, p.12). Esta se faz possível a partir da divisão do trabalho e de avanços tecnológicos de cada período histórico, nos quais os meios passaram a ocupar lugar significativo na dinâmica social.

Entre as diversas teorias desenvolvidas por diferentes escolas – sendo inviável contemplar todas neste artigo – optamos por tratar da chamada *Teoria da Informação*, para ser articulada em contraponto às reflexões sobre a sociedade em vias de midiatização – que realmente nos interessa como abordagem teórica e conceitual. A escolha de abordar a *Teoria da Informação* se faz pontual, pois é nela que encontramos o subsídio para um ensaio comparativo entre a sociedade dos meios e a sociedade em vias de midiatização. O porquê de estabelecer esta comparação é resultado da premissa na qual se enfatiza que vivenciamos um conceito em processo, em construção, ou seja, uma abordagem

que requer discussões teóricas com que já foi produzido de conhecimento até então. "***Novos*** processos de circulação; ***nova*** arquitetura comunicacional; ***novas*** relações entre produtores e receptores; ***novas*** dinâmicas de interface" (grifo nosso, Fausto Neto, 2010, p.1 e 2). Ou, então, mesmo a partir de "dispositivos mais ancorados na tradição se diversificam em ***novas*** experiências, no contexto da midiatização social" (grifo nosso, Braga, 2012, p.3). Em destaque, as palavras que nos remetem pensar que estamos, de fato, em um momento que se percebe uma mudança do modelo até então reverberado em Comunicação.

Portanto, entendemos que o modelo proposto por Claude Elwood Shannon, no estudo intitulado *The mathematical theory of communication*, atualmente não seria suficiente para refletir sobre esta nova forma de ser no mundo, assim como Gomes (2015, p.47) entende o processo de midiatização. Esta constatação é feita com base no próprio modelo de Shannon, que – a partir dos anos 1940 – marca a história com seu esquema matemático e linear. O pesquisador problematizou a comunicação a partir do constructo de um percurso da mensagem que partiria de um ponto a outro, sendo assim, assumindo um esquema linear.

A *Teoria da Informação* de Shannon contribuiu nos estudos de comunicação devido à incorporação dos conceitos *informação, transmissão de informação, codificação, decodificação, recodificação, redundância, ruído, disruptor e liberdade de escolha* (Mattelart, 1999, p.60). Emissor e receptor, por exemplo, termos usualmente presentes no vocabulário e repertório acadêmico de pesquisadores da comunicação são legados deste sistema matemático, linear, instrumental e disseminado em diferentes correntes de pesquisa, mas Gomes (1997, p.32) afirma que se "constitui mais em uma teoria de transmissão de sinais do que uma teoria da comunicação". O autor também ressalta que, nesta linha de pensamento, se desconsidera o significado da mensagem e se prioriza o mecanismo de envio da mesma.

Esta premissa vai contra os estudos de semiótica, por exemplo, sendo esta, disciplina fundamental para quem pretende pesquisar comunicação, pois valoriza a mensagem

como um conjunto de signos que remetem a outros signos (Gomes, 1997). Também encontramos outro contraponto na contribuição do pesquisador Jairo Ferreira (2007), que entende o conceito de midiatização "a partir de três pólos em relação de mútua determinação, formando uma matriz de midiatização. Nessa matriz primária, não só cada um dos pólos condiciona o outro, como cada um pode interceder nas relações entre os dois" (2007, p.1). Em estudo focado na circulação de imagens, Ana Paula da Rosa (2012) define como um "jogo entre as instituições midiáticas e não midiáticas envolvidas, que se movem em dispositivos, adotando as lógicas de especialistas do campo das mídias como referência" (Da Rosa, 2012, p.57).

Eliseo Verón (1997), no artigo *Esquema para análise da midiatização*, constroi graficamente como se pensa a sociedade em vias de midiatização, tornando entendido o porquê que a mesma contrapõe o modelo linear e matemático aqui apresentado anteriormente. Este gráfico, assim como as reflexões teóricas deste e de outros autores, nos auxilia a pensar como nossas próprias pesquisas se encaixam na linha latino-americana e como podem fazer parte do desenvolvimento das discussões sobre a midiatização. Afinal, como Fausto Neto (2005) explica, o conceito está em formação e é pouco problematizado, sendo dois desafios a serem enfrentados por pesquisadores e pesquisadoras. Verón (1997), no entanto, enfatiza que o diagrama não é um modelo teórico, e sim, uma tentativa de ordenar o que ele chama de campo problemático da midiatização.

O pesquisador reconhece que o gráfico pode ser simples em comparação com a complexidade da sociedade em vias de midiatização, porém, de forma clara, entendemos o diagrama como um guia para a compreensão das relações e, principalmente, para a constatação da transversalidade como característica dessa sociedade. Sendo assim, um elemento de grande utilidade para a nossa aproximação com o conceito.

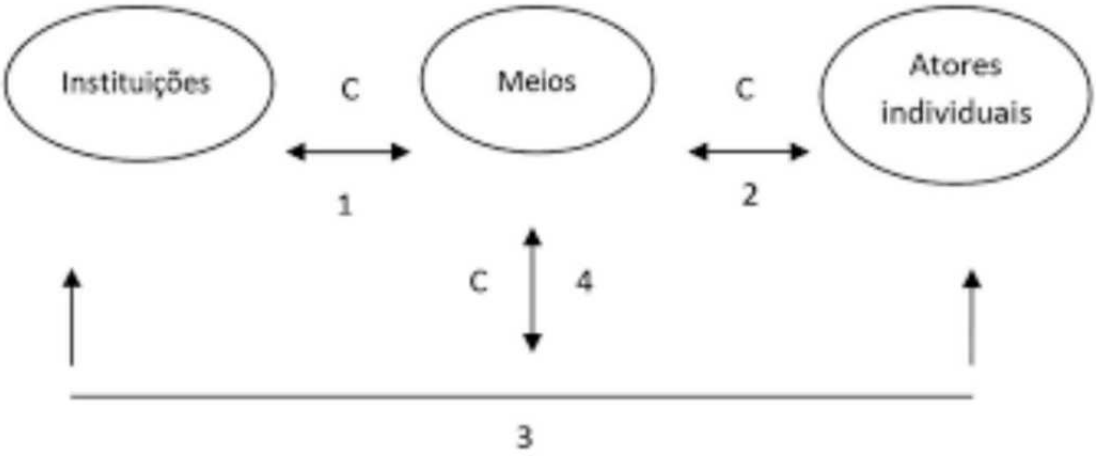

Figura 3: Esquema de midiatização
Fonte: Verón, 1997, p.7

> O esquema identifica quatro zonas de produção dos coletivos: a relação dos meios com as instituições da sociedade (**dupla flecha 1**); a relação dos meios com os atores individuais (**dupla flecha 2**); a relação das instituições com os atores (**dupla flecha 3**) e a maneira em que os meios afetam a relação entre as instituições e os atores (**dupla flecha 4**) (grifo próprio, Verón, 1997, p.7).

A opção de incluir o diagrama proposto por Verón (1997) neste ensaio é inevitável, uma vez que este autor é uma das grandes referências da área e este processo representa a midiatização como um fenômeno de mudança social, com a inserção das mídias nas dinâmicas e complexidades da vida em sociedade. Além disto, é a partir deste diagrama que muitos outros se formam em dissertações e teses, principalmente dos alunos pertencentes à linha de pesquisa Midiatização e Processos Sociais (UNISINOS).

4 Considerações finais

O artigo buscou traçar o que estamos produzindo empírica e teoricamente a acerca da temática do golpe de 1964 e do *impeachment* de Dilma enunciados em editoriais dos jornais *Folha de S. Paulo* e *O Globo*. Pontuamos o de-

safio de tratar de objetos com temporalidades distintas que, consequentemente, se inserem em lógicas de produção jornalística igualmente diferenciada. Concluímos com a ideia de que o objeto do passado de 1960 é posto em movimento em um processo de conversação proporcionado pelos editoriais. Desta foram, o que era estanque é incorporado em uma nova lógica de um contexto diferenciado, retirando-o do espaço temporal fixo ao que era normalmente atribuído. E o que faz isto acontecer são as operações discursivas exemplificadas neste texto. Assim, por um lado, existe a atualização de um fato histórico em 2016 e, de outro, o fato midiatizado simbolizado pelo *impeachment* de Dilma. Almejamos reflexionar ainda mais as características do jornalismo midiatizado, ou mais especificamente, outras marcas que nos ajudam na análise de editoriais no jornalismo em contexto de midiatização. Talvez seja na comparação exaustiva entre ambos os períodos que se acendam as diferenças ou que se perceba nuances ainda discretas.

Destacamos também a necessidade de, cada vez mais, referenciarmos autores e autoras da área da Comunicação para abordagens da mesma. Com esta proposição, não intencionamos desmerecer as contribuições de outras Ciências, mas valorizar o que foi produzido até então, assim como as produções futuras. Enfatizamos este ponto mesmo em nosso estudo, que contempla a História como área de conhecimento científico e utiliza a contribuição de historiadores clássicos, reforçando a noção de propriedade e lugar de fala de áreas autônomas, mas que podem dialogar e produzir conhecimentos entre diferentes espaços de cooperação acadêmica.

REFERÊNCIAS

BACHELARD, G. *A epistemologia*. Lisboa: Edições 70, 2001.

BONIN, J. Revisitando os bastidores de pesquisa: práticas metodológicas na construção de um projeto de investigação. In: E. Maldonado *et al*. *Metodologias da pes-*

quisa em comunicação: olhares, trilhas e processos (19-42). Porto Alegre: Sulina, 2011.

BRAGA, J. L. Comunicação, disciplina indiciária. *In: Revista Matrizes*. **Vol.1**. n.2, 2008, p.73-88. Disponível em http://www.matrizes.usp.br/index.php/matrizes/article/viewFile/85/130

_____. Uma teoria tentativa. In: *E-Compós* (Brasília) v.**15**, n.3, set./dez. 2012, p.1-17. Disponível em http://www.compos.org.br/seer/index.php/e-compos/article/viewFile/811/629

FAUSTO NETO, A. Vozes do impeachment. In: H. MATOS (org.). *Mídia, eleições e democracia*. São Paulo, Página Aberta, 1994. P.159-189

_____. Midiatização - Prática social, prática de sentido. Encontro da rede Prosul "Comunicação e processos sociais", 2005, UNISINOS/PPGCC.

FERIGOLO, J. *Conhecimento, dialética, analogia e identidade na biologia de Aristóteles.* Tese de Doutorado. PPG Filosofia. Unisinos. Disponível em http://www.repositorio.jesuita.org.br/handle/UNISINOS/4136.

FERREIRA, J. Midiatização: dispositivos, processos sociais e de comunicação. *E-Compós* (Brasília), v. 10, p. 1-15, 2007.

GOMES, P. G. Tópicos de teoria da comunicação. São Leopoldo: Ed. Unisinos, 1997.

_____. Midiatização: um conceito, múltiplas vozes. In: A. FAUSTO NETO et al. (orgs). CIM - Relatos de Investigaciones sobre mediatizaciones. Rosário: UNR Editora, 2015. p. 33-54.

JORNAL GGN, O. *Teste: adivinhe se as manchetes são de 1964 ou de 2016.* 18 de mar. Disponível em: http://jornalggn.com.br/noticia/teste-adivinhe-se-as-manchetes-sao-de-1964-ou-de-2016

LACOUTURE, J. A História imediata. In: LE GOFF, Jacques. *A História Nova*. 4ªed. São Paulo: Martins Fontes, 1988, p.216-241.

LE GOFF, J. *A História Nova*. 4ªed. São Paulo: Martins Fontes, 1988.

MATTELART, A.; MATTELART, M. História das teorias da comunicação. Edições Loyola: São Paulo, 1999.

MENESES, S. A história midiatizada: os desafios colocados por um novo idioma histórico entre a mídia, a memória e a história. *X Encontro Nacional de História Oral* (Recife), 2010. Disponível em: http://www.encontro2010.historiaoral.org.br/resources/anais/2/1268705934_ARQUIVO_ahistoriamidiatizada.pdf

FOLHA DE S. PAULO, 2016. *Dizer o* óbvio. 27 de mar., p.2.

MOUILLAUD, M. *O jornal da forma ao sentido*. Brasília: Paralelo, 1997.

O GLOBO, 1964. *Onde estava a reação*. 22 de abril., capa.

_____. 2016. *A farsa do 'golpe' construída pelo lulopetismo*. 30 mar., p. 16.

_____. *Não vai mesmo ter golpe.* 17 abril, p.14.

ROBIN, R. *História e Linguística*. São Paulo: Cultrix, 1973.

ROSA, A. P. Imagens-totens: a fixação de símbolos nos processos de midiatização. Tese defendida no PPGCC da Unisinos, São Leopoldo, 2012. Disponível em http://www.repositorio.jesuita.org.br/handle/UNISINOS/3429

UOL, O. 2016. *Se Exército tivesse hoje a força política de 1964, já teria havido golpe, diz Serra.* 31 de mar. Disponível em: http://noticias.uol.com.br/ultimas-noticias/bbc/2016/03/31/se-exercito-tivesse-hoje-a-forca-politica-de-1964-ja-teria-havido-golpe-diz-serra.htm

VERÓN, E. Esquema para el analisis de la mediatización. *Diálogos*, n.48, p.9-17, 1997. Disponível em https://

comycult.files.wordpress.com/2014/04/veron_esquema_para_el_analisis_de_la_mediatizacion.pdf

____. *Fragmentos de um tecido*. São Leopoldo: Editora Unisinos, 2005.

ZERO HORA, O. 2016. *Dilma compara crise* à *ditadura*. 22 de mar. Disponível em: http://zh.clicrbs.com.br/rs/noticias/noticia/2016/03/dilma-compara-crise-a-ditadura-lutarei-para-nao-ser-vitima-de-novo-5202057.html

____. 2016. *Caetano Veloso diz que o cenário político atual lembra "o que levou o golpe de 1964*". 18 de mar. Disponível em: http://zh.clicrbs.com.br/rs/entretenimento/noticia/2016/03/caetano-veloso-diz-que-cenario-politico-atual-lembra-o-que-levou-ao-golpe-de-1964-5115148.html